

CERRADO: AS FITOFISIONOMIAS E A INTER-RELAÇÃO COM AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS

Valney Dias Rigonato*
Maria Geralda de Almeida**

Resumo: Este trabalho busca entender as singularidades dos usos das espécies nativas, a partir do conhecimento e inter-relações que as populações tradicionais têm com as fitofisionomias do cerrado: Cerradão, Cerrado Rupestre de Altitude, Cerrado *stricto sensu* Campo Limpo, Mata Galeria, Mata Ciliar e Veredas. O estudo, respaldado na geografia cultural e etnobotânica, foi realizado com as populações tradicionais do Norte Goiano. Em suas comunidades, a organização do trabalho realiza-se pela agricultura de subsistência e pelo extrativismo, sendo que as populações tradicionais estabelecem formas de uso diferenciados das espécies nativas, de acordo com as fitofisionomias.

Palavras-chaves: cerrado; populações tradicionais; uso de plantas nativas; etnobotânica.

Este trabalho busca entender as singularidades dos usos das espécies nativas e a inter-relação das populações tradicionais com as fitofisionomias do cerrado. A singularidade manifesta-se na cultura das populações tradicionais, no conhecimento popular, no convívio e no respeito à natureza e, também, nas inter-relações entre os próprios integrantes das localidades e comunidades.

A pesquisa desenvolveu-se na porção norte do Estado de Goiás, especificamente nos municípios de Alto Paraíso de Goiás, Teresina de Goiás, Cavalcante e Colinas do Sul, priorizando, entretanto, as localidades de Vila Borba, de Engenho, de Moinho e de São José (fig. 01). Este recorte espacial deu-se, sobretudo, por ser uma área de municípios do Estado de Goiás, segundo os dados do IBGE (2002), com menores índices de alterações e degradações do cerrado pela ação antrópica. Ela possui localidades habitadas com populações tradicionais, pequenos agricultores e comunidades negras rurais de quilombolas do povo Kalunga que desenvolvem agricultura de

* Mestrando em Geografia- IESA-UFG; bolsista, técnico do projeto “Cultura, conhecimento popular e uso das espécies nativas pelos pequenos agricultores do Cerrado”. Projeto de pesquisa financiado pelo Programa Centro Oeste de Pesquisa e Pós-Graduação – POCPG/CNPq 2001 – 2003. valney_rigonato@yahoo.com.br

** Professora do IESA-UFG e Coordenadora do Projeto acima citado. galmeida@iesa.ufg.com.br

subsistência, caracterizando uma relação intrínseca com a natureza e, conseqüentemente, com o bioma cerrado.

Populações tradicionais, aqui, são entendidas conforme definição de Diegues:

comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato (Diegues, 1996, p.87).

Neste estudo, objetivou-se compreender a inter-relação das populações tradicionais com as diferenças fitofisionômicas ou estratos de cerrado, considerando a seguinte questão: as populações tradicionais, do bioma cerrado, ainda mantêm uma inter-relação diferenciada e especializada com as fitofisionomias, conforme os conhecimentos de plantas e os usos das mesmas?

Para respondermos a essa questão, consideramos necessário ampliar a discussão, inicialmente, fazendo uma caracterização do bioma cerrado, enfatizando sua distribuição e sua potencialidade em espécies nativas e flora. Em seguida, fizemos uma contextualização das populações tradicionais e, posteriormente, uma descrição/análise das fitofisionomias – Cerradão, Cerrado Rupestre de Altitude, Cerrado *stricto sensu* Campo Limpo, Mata Galeria, Mata Ciliar e Veredas, apresentando, em cada uma delas, a diversidade de espécies nativas conhecidas e suas possibilidades de uso.

O levantamento das espécies nativas utilizadas pelas populações tradicionais foi feito através da observação, de entrevistas e questionários realizados nas diversas localidades/comunidades da área de estudo, considerando os procedimentos metodológicos de etnobotânica e da abordagem da geografia cultural. Para Albuquerque (2002), a etnobotânica é uma disciplina científica que focaliza a inter-relação pessoas/plantas. Ora, a apreensão dessa inter-relação tem, no uso da história oral, a melhor via para abarcar, no viés sociocultural, a diversidade de uso das espécies nativas.

Cabe ressaltar que a singularidade que nos interessa é a das imbricações entre a cultura e os ambientes naturais. Aliás, Sauer (1963) já se preocupava em estudar as paisagens, para dimensionar os impactos espaciais, quando o homem se instalava em meios seminaturais.

Como nos afirma Claval (1997), os homens tiram de seu ambiente aquilo que eles têm necessidade e, no caso da coleta supõem que eles tenham o conhecimento e o domínio das espécies. O domínio do meio só é possível graças à “cultura que designa o conjunto *savoir-faire* de práticas, de conhecimento, de atitudes e de idéias que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer de sua existência” (idem, 1999, p. 64).

Como sublinha este autor, a cultura fala também da natureza, que é tomada, simultaneamente, como um meio que fornece o necessário a sua sobrevivência e como um conjunto de sentidos e significados. Com esse entendimento é que lançamos nossos olhares sobre o cerrado, que adquire significado com e a partir das populações tradicionais.

O Bioma Cerrado: distribuição, potencial e as populações tradicionais

O cerrado brasileiro ocupa uma área contínua de cerca de dois milhões de Km², que corresponde a cerca de 24% do território nacional. A área de abrangência desse domínio engloba desde o Amapá e Roraima, em latitudes ao norte do Equador, até o Paraná, já abaixo do trópico de Capricórnio. No sentido longitudinal, ele aparece desde Pernambuco, Alagoas e Sergipe até o Estado do Pará e Amazonas, aqui com encraves dentro da floresta Amazônica (EMBRAPA, 2003).

Pires (2000) afirma que o cerrado tem uma posição destacada não só pela suas extensas áreas como, também, pela sua heterogeneidade vegetal, em grande parte desconhecida. A distribuição espacial da diversidade das espécies do cerrado pode ser fruto de variações climáticas pretéritas. Para Ab'Saber (1977), no último período glacial teria ocorrido um avanço do Cerrado sobre as florestas e, que nesse período interglacial, o cerrado teria se consolidado no domínio fitogeográfico e morfoclimático numa área contínua da região central do território brasileiro. Esse processo de alternância entre a floresta e cerrado, em longos períodos, acarretou mudanças na distribuição e fragmentação das populações, o que funcionou como combustível para a espacialização, resultando em uma floresta rica e especializada.

Segundo os estudos de Pires & Santos (2000), as estimativas apontam que, no cerrado, existem cerca de seis mil espécies de árvores – muitas utilizadas na produção de artesanato, uso medicinal e alimentício, além de outros usos, e 800 espécies de aves, além de 780 das 3000 espécies de peixes já descritas. Calcula-se que mais de 40% das espécies de plantas lenhosas e metade das abelhas desse bioma sejam endêmicas. De gramíneas, existem mais de cinco centenas, sendo a grande maioria endêmica da região. No que concerne a invertebrados, estima-se que o cerrado abranja 14.425 espécies, representando 47% da fauna estimada para o Brasil, em três ordens de insetos: *Lepidoptera*, *Hymenoptera* e *Isoptera*. Com relação aos copépodos, há uma alta percentagem dos mamíferos que ocorrem no cerrado, estes totalizando 195 espécies, sendo 18 endêmicas. Dadas essas características, estima-se que o Cerrado seja responsável por 5% da biodiversidade mundial.

Em estudos recentes de Ribeiro *et al.* (1997) e Naves & Chaves, L. J. (2001), em 98 áreas representativas da região dos cerrados, encontra-se um total de 534 espécies lenhosas, sendo que 158 delas (30%) ocorreram em um único local e apenas 28

espécies foram encontradas em mais de 50% das áreas. Esse panorama de distribuição e espacialização das espécies do cerrado é um importante aspecto a ser levado em consideração na definição de estratégias de conservação do cerrado.

Este aspecto do bioma cerrado legitima a crença/hipótese de que as populações tradicionais, ali habitando, são detentoras de conhecimento popular sobre a espacialização e distribuição das espécies nativas em cada fitofisionomia de cerrado. Assim, aquelas estabelecem formas de uso que possibilitam um equilíbrio entre a exploração humana de espécies nativas e os aspectos naturais do cerrado, a exemplo das populações tradicionais do centro-norte Goiano.

O cerrado é detentor de uma distribuída e exuberante biodiversidade do território goiano, mas muito ameaçada pela nova divisão do trabalho e, conseqüentemente, pela territorialização do capital na agricultura moderna nas últimas décadas do século XX e início do atual. Atualmente, as principais ameaças à biodiversidade do cerrado estão relacionadas com a monocultura intensiva de grãos, principalmente a soja, com alta e moderna mecanização ligada à agricultura, à pecuária extensiva de baixa tecnologia e à exploração crescente pela indústria biofarmacêutica, principal interessada na natureza.

A porção norte do Estado de Goiás, como já foi mencionado, ainda detém, em seu território, o bioma cerrado parcialmente preservado em relação às outras regiões do Estado. Nos últimos anos, a área vem passando por uma dinâmica de ocupação em grande escala, principalmente pelos fazendeiros “paulistas” que compram grandes fazendas, “posses”, para formarem pastagens extensivas, reserva de valor e, até mesmo, para plantação de soja nas proximidades do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Essa ocupação vem provocando alterações na relação da sociedade com a natureza e, conseqüentemente, no modo de vida das populações tradicionais.

As populações tradicionais existentes no Norte Goiano possuem relação estreita com o bioma cerrado suas práticas de plantio são caracterizadas pelos *cercados* – plantação de subsistência de trabalho familiar –, pela criação de gado, geralmente de pequeno porte, de forma extensiva, principalmente no estrato fisionômico de Campo Limpo.

Se essas atividades procuram ser desenvolvidas, estabelecendo o mínimo de impacto sobre o cerrado, isso também se deve à percepção de natureza e à interação que a população tem com esse bioma. De fato, a interação existente com a coleta de plantas, de ervas medicinais, de frutos e de madeira sinaliza o cerrado como um componente da própria sobrevivência dessas populações. Esses diversos usos fortalecem a manutenção de suas relações sociais e culturais.

A relação das populações tradicionais e dos pequenos agricultores com o cerrado revela um conhecimento íntimo mais diferenciado dos estratos fisionômicos do cerrado. Os tipos fisionômicos de cerrado – *cerrado fino*, *caatinga* ou *cerrado de serra*, *cerrado fechado* e *de beira de corgos*¹ – permitem conhecer um nível de inter-relação maior entre a população e a vegetação, com várias finalidades de utilização das espécies nativas.

O cerrado, fisionomicamente, caracteriza-se pela existência de uma camada herbácea formada basicamente por gramíneas e um estrato arbóreo/arbustivo de caráter lenhoso. Há, também, a predominância de um ou de outro estrato arbustivo, herbáceo e arbóreo. Essas variações ou alternâncias do bioma cerrado ocorrem devido à relação intrínseca com o nível do lençol freático, da fertilidade do solo, da geomorfologia do relevo e da topografia ou altimetria do mesmo. Desses elementos, o principal na formação dos cerrados é a composição do solo por influenciar no tipo de constituição da cobertura vegetal.

Fitofisionomias, singularidades e usos

Cerradão

É uma vegetação de caráter florestal, com árvores mais desenvolvidas que a dos demais tipos fitofisionômicos. Graças aos solos mais profundos e úmidos, ele, também, apresenta algumas camadas de folhas em decomposição. O cerradão encontra-se nos chapadões ou nas encostas úmidas (Fernandes, 2000). Essa fitofisionomia caracteriza-se por árvores que cobrem mais de 50% da superfície e podem chegar até os 15 metros de altura.

O cerradão é uma formação de árvores altas como o jatobá de mata (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. Ex Hayne), o tingui (*Magonia pubescens* St. Hil.), a pimenta de macaco (*Xylopia aromatica* Lam.), a sucupira branca (*Pterodon emarginatus* Vog) e a preta (*Bowdichia virgilioides* Kunth). Das 14 espécies identificadas nas localidades visitadas, 6 produzem frutos utilizados “*in natura*” ou preparados como alimento por aquelas populações tradicionais: o bureré (*Brosimum gaudichaudii* Trec), o barú (*Dipteryx alata* Vog), o jatobá, o marmelo (*Alibertia edulis* A. Rich) e o pequi (*Caryocar brasiliense* Camb.).

Para doenças de infecções, principalmente de garganta, destaca-se o uso de sucupira branca e preta. E outras, como a quina (*Strychnos pseudoquina* A. St. Hil) e a

¹ Considerando o objetivo da pesquisa, manteve-se a nomenclatura popular dos estratos de Cerrado, de acordo com o relato do Sr. Gabriel Cavalcante – líder da comunidade de São José –, Dona Margarida Pereira Santos e Dona Luiza Coelho da Silva, raízeiras de Vila Borba – Colinas do Sul.

aroeirinha (*Astronium sp.*), são utilizadas para curar os machucados e as úlceras. Entre as espécies identificadas no Cerradão, de uso pelas populações tradicionais, verificou-se que algumas são empregadas contra doenças comuns no sexo feminino, contra a úlcera e para fazer sabão. Porém, das espécies conhecidas no Cerradão, a maior parte destina-se ao alimento.

Cerrado Rupestre de Altitude

Caracteriza-se como um subtipo de vegetação arbóreo-arbustiva que ocorre em ambientes rupestres litólicos ou rochosos (Ribeiro e Walter, 1998). Essa fisionomia é bem representativa na área de estudo, visto que localiza-se em uma zona de instabilidade tectônica pretérita (Chapada dos Veadeiros), com presença de inúmeros afloramentos rochosos de quartzos. Segundo Sano & Almeida (1998), essa formação caracteriza-se pela ocorrência em altitudes elevadas acima de 900 metros, em solo raso e pela presença de indivíduos arbóreos encontrados nas fendas e entre os afloramentos rochosos.

Entre as espécies encontradas com maior frequência de uso pelas populações tradicionais, destaca-se o pequi (*Caryocar brasiliense*), um dos frutos comestíveis pelo Sertanejo. Faz-se o pequi cozido no arroz, misturado no frango, na carne bovina e também o preparam como uma sopa, fervendo-o com sal e leite. A mangaba (*Hancornia speciosa* Gomez) é uma das frutas mais saborosas do cerrado e tem seu uso diversificado. O leite da mangaba é utilizado contra “tosse de cachorro”, ou melhor, a coqueluche do Sertão. Outro fruto comestível é o gravatá (*Bromelia sp.*). Há, também, em algumas áreas, a arnica, utilizada como antiinflamatório e cicatrizante.

Cerrado stricto sensu

É uma formação do tipo Savana, na qual convivem gramíneas e espécies lenhosas. Essa formação é a mais rica em espécies nativas com poder medicinal para as populações tradicionais do norte do estado de Goiás. Apresenta-se como um subtipo de vegetação predominantemente arbóreo-arbustivo, com cobertura de 20% a 50%, e árvores com altura média de três a seis metros (Ribeiro & Walter, 1998). Trata-se de uma forma comum e intermediária entre o Cerrado Denso e o Cerrado Ralo. Há, nessa fisionomia, uma variedade de arbustos, subarbustos e gramíneas, sendo que, na estação seca, é a mais propícia e com maior frequência de ocorrências das queimadas.

Para estes autores, os solos favoráveis para o Cerrado são das classes de Latossolo Vermelho-escuro, Latossolo Vermelho-amarelo e Latossolo Roxo. Apesar das boas características físicas, são solos forte, moderadamente ácidos (pH entre 4,5 e 5,5), com carência generalizada dos nutrientes essenciais, principalmente fósforo e nitrogênio. Esse déficit de nutrientes do solo manifesta-se de forma heterogênea. Segundo Rizzini (1997, p. 413), “o cerrado exibe enorme variabilidade estrutural ainda mais acentuada pela amplas variações edáficas.” Se olharmos na paisagem “cerrado fino”, as árvores esparsas, retorcidas, formam manchas quase homogêneas.

Das espécies constituintes dessa paisagem as enunciadas com poder medicinal foram: algodãozinho (*Cochlospermum regium* Mart et Schl), anador (*Alternanthera* sp.), assa-peixe (*Vernonia* sp.), bananeira (*Salvertia convallariodora* A.St. Hil.), bureré, cabelo-de-nego (*Oureata hexasperma* St. Hil. Bail), carrapicho (*Acanthospermum* sp.), caroba (*Jacarandá ruffa* Manso), cascavel (*Crotalaria* sp.), chapéu-de-couro (*Echinodorus macrophyllus* (Kunth.) Micheli), favela (*Dimorphandra molis* Benth), gervão (*Stachytarpheta chamissonis* Walp), graviola-do-cerrado (*Annona* sp.), imbé (*Philodendron* sp.), pau santo (*Kielmeyra coriacea* Spr.), pé-de-perdiz (*Croton antissiphyliticus* St. Hil.), quina, roseira (*Kielmeyera* sp.), barbatimão (*Stryphnodendron* sp.), sabugueiro (*Sambucus australis* Cham.), papaconha, azedinho (*Oxalis hirsutissima* Mart & Zuuc), buchinha (*Luffa operculata* Cogn.), anilinho (*Indigofera* sp.), salsa-do-campo (*Smilax* sp.), sangue-de-cristo (*Sabicea brasiliensis* Wernh), sucupira preta, tiborna (*Himatanthus obovatus* M. Arg.), trançagem (*Plantago major* L.), toquinho (não identificada), vergateza (*Anemopaegma arvense* Vell. Stellf ex de Souza), manazinho (*Anemopaegma arvense* Vell. Stellf ex de Souza), forquilha de pote (*Croton* sp.), alecrim-do-campo (não identificada), cipó-de-índio, velame branco (*Macrosiphonia velame* St. Hil.), porrete de malina (*Dalechampia* sp.), paquarí e barrigudinha (não identificada). Constantemente utilizam-se das plantas as folhas, a entrecasca ou as raízes.

Tomando como exemplo as doenças de mulheres, como infecções genitais, faz-se uso de uma composição que pode conter o algodãozinho, o barbatimão, o carrapicho, o velame branco, o pau-santo, o pé-de-perdiz, o sangue-de-cristo, a tiborna e outros. Já para gripe, febre, resfriados, dores e infecções de garganta, recomenda-se tomar o chá ou gargarejo de uma mistura de anador, favela, gervão, imbé, quina, papaconha, trançagem e porrete de malina.

Contudo, se o problema for relativo ao vigor do sexo masculino, sugere-se o uso de vergateza, toquinho e cipó-de-índio. E, nesse caso, as populações tradicionais afirmam que a garantia é completa, pois uma frase muito dita é “só tomar que levanta”, e que essas plantas são consideradas “o viagra da floresta”.

Outra indicação ocorreu para a gravidez, com a barrigudinha. Todavia, se as mulheres querem abortar, há as plantas abortivas, como azedinho, buchinha e o anilinho. Mas, se a mulher, após o parto, apresentar sintomas que, no dizer popular, seria “resguardo quebrado”, indica-se o uso da forquilha de pote. Além dessas espécies, utilizam o manazinho, para a dor de barriga; o sabugueiro, para sarampo e outras doenças; e, no tratamento de artrose, o alecrim do campo.

As plantas que servem de alimentos não têm muitas variedades. Usam, na maior proporção, os frutos de araticum (*Annoma crassiflora* Mart), baru, caju (*Anacardium* spp.), curriola (*Pouteria ramiflora* Radlk.), ingá (*Inga uruguensis*), mangaba, murici (*Byrsomima* sp.), pequi, cajão, puxa-puxa. Os homens do cerrado trabalham, constróem casas, currais e instrumentos com a madeira do carvoeiro (*Sclerolobium*

paniculatum Vog.), do jacaré (*Piptadenia* sp.), da mariana (sem identificação), do marinheiro (*Guarea guidonea* (L.) Sleumer), do mocambé (sem identificação) e com o pau pente (sem identificação). Elas são também destinadas à fabricação de estacas para cercas de arame das propriedades particulares.

Campo Limpo

Constitui-se de vegetação herbácea, densa, composta de gramíneas e alguns arbustos. Tais campos são encontrados nas encostas, nas áreas de chapadas e nas proximidades das nascentes de água, circundando as bordas de matas galeria. Para Rizzini (1997), o campo limpo corresponde à vegetação baixa, sem árvores ou com raras arvoretas, muito afastadas entre si.

Nas bordas da mata galeria do rio Capivara, próximo do Engenho, há uma grande área de Campo Limpo. Ela é empregada desde os primórdios pelos povos Kalunga, nessa região, para criação e pastagem do gado de forma extensiva. A pecuária, mesmo reduzida por pressões capitalistas na terra, representa uma importante atividade de subsistência e sociabilidade para algumas famílias kalunga.

Mata Galeria

Essa vegetação é densa, constituída de árvores com até 30 metros de altura, distribuídas ao longo dos vales, rios e cursos d'água, formando corredores fechados (Ribeiro & Walter, 1998).

Onde ela se desenvolve possui maior umidade no solo que nas áreas próximas. Essa fisionomia encontra-se distribuída sobre as margens dos rios de pequeno porte e nas beiras de inúmeros córregos intermitentes, principalmente na época da seca. Esses puderam ser notados, em sua secura temporária, no mês de setembro de 2002, no percurso entre a cidade de Colinas do Sul e o povoado de Vila Borba.

As populações tradicionais demonstraram pouca intimidade com as espécies aí encontradas. Mencionaram o buriti (*Mauritia flexuosa* Mart.), o jenipapo, o maracujá nativo (*Passiflora* sp.) e o bico de tucano (sem identificação). Cabe aqui ressaltar que essas populações conhecem o poder de cura da sangra d'água. Para eles, o leite da sangra d'água detém propriedades curativas de gastrite, úlcera e até mesmo contra o câncer. Mas essa espécie não é atualmente de fácil ocorrência pelo desmatamento que se tornou freqüente. “Ela é encontrada apenas nas proximidades do Lago da Usina da Serra da Mesa”, afirma Dona Margarida, de Vila Borba.

Mata Ciliar

É uma fisionomia associada aos cursos de água, em terrenos bem-drenados ou maldrenados, de árvores de médio e grande porte da região do Cerrado, ela ocorre onde a vegetação arbórea não forma galerias (Ribeiro & Walter, 1998). Para as

populações tradicionais entrevistadas nessa pesquisa, não há diferença fitofisionômica entre a mata galeria e a mata ciliar.

Nota-se a existência de Mata Ciliar às margens do rio Preto, do Tocantzinho e do Paranã, nos cursos de maior extensão. Sobre as margens desses, encontram-se árvores predominantemente eretas, em uma faixa estreita.

As espécies aproveitadas são: a jangada, o jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. Ex Hayne), o angico e a casca do ipê-amarelo.

Veredas

Nas áreas sobre a chapada, localmente denominada Serra de Santana, na entrada da comunidade do Engenho, há várias formações fisionômicas de veredas. Essa formação fisionômica encontra-se, também, em outras localidades próximos de São José, de Vila Borba e de Moinho. Para Nascimento (2001), a vereda é uma paisagem típica junto aos pequenos cursos d'água, geralmente em áreas planas, com solo hidromórfico/arenoso, tendo como principal elemento florístico de porte o buriti, acompanhando o curso d'água e gramíneas se espraiando por toda a planície de inundação.

O buriti possui várias serventias. Do fruto, faz-se o óleo, e o doce feito da polpa é uma das delícias do paladar do sertanejo. As folhas são utilizadas pelas populações tradicionais no recobrimento das residências, do paiol, do chiqueiro e dos galinheiros, além da fabricação de peneiras, quibana, couraça² e outros artesanatos.

De modo geral, observou-se que as populações locais possuem relações com todas as fitofisionomias e, conseqüentemente, com a biodiversidade do Bioma Cerrado da área em estudo. Essa relação é diferenciada, conforme a potencialidade das fitofisionomias em espécies nativas. E, sobretudo, conforme o conhecimento popular das populações tradicionais do Cerrado.

Considerações finais

As populações tradicionais – pequenos agricultores, quilombolas do povo Kalunga, posseiros, garimpeiros, raizeiras – estabelecem formas de usos diferenciados das espécies nativas, de acordo com a abundância das espécies nas distintas fitofisionomias. A organização do trabalho dá-se na agricultura de subsistência e no extrativismo de frutos, folhas, raízes, entrecasca e casca das plantas do Cerrado.

² Couraça é uma capa para chuva feita de folhas de buriti trançadas, segundo o Sr. Gabriel, da comunidade de São José.

Essas populações possuem conhecimento popular das potencialidades alimentares, medicinais e artesanais das espécies nativas que compõem as fitofisionomias do Cerrado.

Para Almeida (2003), o conhecimento denotado por elas sobre o Cerrado permite afirmar que há uma relativa indissociabilidade do mundo biofísico, humano e espiritual, além de evidências de relações sociais genuínas, de circuitos tradicionais e formas de uso e entendimento da natureza pela dimensão cultural.

Cabe aqui destacar também um estudo de Almeida e Vargas (1998) sobre “A dimensão cultural do sertão sergipano” no qual elas afirmam constatarem: existência da cultura tradicional no cotidiano dos sertanejos e sua estreita relação com os recursos da caatinga e com a natureza semi-árida.

Estas autoras enfatizam que é na associação entre técnica, cultura e natureza que essas comunidades asseguram a reprodução social, mas que as pastagens em expansão degradam a caatinga e ameaçam a sobrevivência das práticas culturais. Essas características são nítidas no Cerrado, na tendência ao esgarçamento do domínio do conhecimento pelas populações tradicionais, das especificidades e das potencialidades das espécies medicinais, alimentícias e artesanais do bioma Cerrado. Nota-se isso, principalmente, por parte dos mais novos. Esse conhecimento se desfaz, também, pela formação de lavouras mecanizadas e construção de empreendimentos governamentais como a do Lago da UHE, da Serra da Mesa.

Esses fatos podem acarretar perdas parciais do conhecimento popular, da cultura, do folclore, dos mitos, das lendas e, sobretudo, das potencialidades das espécies do cerrado.

O conhecimento das populações tradicionais, se manuseado de forma espontânea, pode contribuir com mecanismos sociais e culturais de conservação da biodiversidade do bioma Cerrado. A biodiversidade contida nas fitofisionomias do bioma Cerrado constitui o valor sociocultural atribuído pelas populações tradicionais. E não simplesmente pelo que representa como potencial de preservação de um manancial, por exemplo.

As populações tradicionais possuem, a partir do convívio, do cotidiano, do modo de vida, um conhecimento popular que acarreta relacionamento diferenciado e usos diversos, conforme as potencialidades medicinais, frutíferas e artesanais das espécies nativas de cada porção do bioma do Cerrado (Tabela 01).

Nesse contexto, o conhecimento popular das populações tradicionais é um instrumento indispensável para a preservação da cultura, da persistência de modos de

vidas tradicionais e da biodiversidade do Cerrado. E também auxilia os estudos científicos que buscam conhecer, identificar, catalogar a espacialização das espécies e as potencialidades medicinais, artesanais e frutíferas dos estratos fitofisionômicos do Cerrado.

Résumé: Cette étude a eu pour but de comprendre les relations entre les populations traditionnelles et les divers types de la végétation de savane: cerradão, cerrado rupestre de altitude, cerrado strito sensu, campo limpo, mata galeria, mata ciliar e veredas. Les études, soutenues par la géographie culturelle et ethnobotanique ont été réalisées avec les populations traditionnelles du nord de l'état du Goiás. Dans leurs communautés l'organisation du travail est faite par la récolte de fruits, de racines, de feuilles et d'écorce de plantes natives, dans les différents types de savane. Les populations ont très bonne connaissance de plantes et de leurs usages.

Mots-clés: populations traditionnelles; savane; usage plantes natives; ethnobotanique.

ANEXOS

Figura 1

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

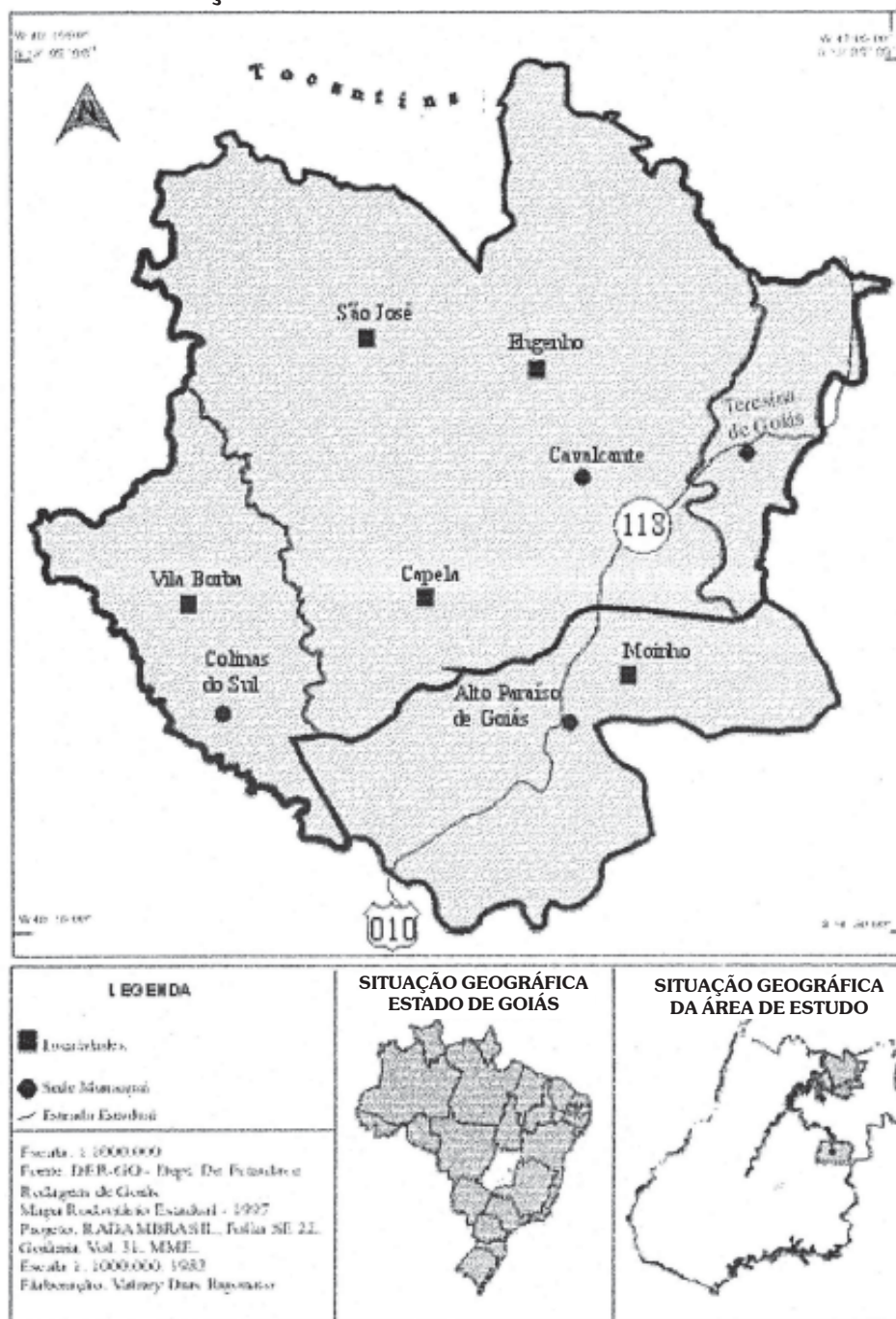


Tabela 1

Tabela. 1 - Plantas Nativas suas Fitofisionomias e respectivos usos pelas Populações Tradicionais da Área Pesquisada - 2002.

Nome Popular	Nome Científico	Cerrado	Cerradão	Mata Galeria	Cerrado rupestre	Campo sujo	Campo Limpo	Quintal	Mata mesofítica	Vedas
Algodãozinho	<i>Cochlospermum regium</i> Hart et Sch	R								
Ánador	<i>Albensacthena</i> sp.	R								
Anaçá	<i>Psidium firmum</i> Berg	L								
Araticum	<i>Arnica crassiflora</i> Mart	A				L				
Aroeirinha	<i>Astronotus</i> sp.	R	R							
Assa-peito	<i>Vernonia</i> sp.	R								
Azevinho	<i>Coale nitidissima</i> Mart & Zucc	R/A								
Bocuari	<i>Selacia crassiflora</i> Mart	A								
Bonaneira	<i>Salvertia convallariaeodora</i> A.St. Hill	R								
Barbatimão	<i>Stryphnodendron</i> sp.	R				R				
Bori	<i>Opuntia elata</i> Vog	A	A							
Buchinha	<i>Luffa</i> sp.	R								
Burê	<i>Brosimum paudchaudii</i> Trec	R	R							
Coelão de negro	<i>Cunila heptagona</i> St. Hill, Radl	R								
Capeta	<i>Euphorbia dysenterica</i> Mart. Ex DC	A	A				A			
Capu	<i>Anacardium</i> sp.	A				A				
Canangão	<i>Cnidacolum arvense</i> L.	R								
Caroba	<i>Jacquinia nitida</i> HBK	R								
Comapicho	<i>Acanthopogon</i> sp.	R								
Carvoeiro	<i>Sclerobolium paniculatum</i> Vog.	H								
Cascavel	<i>Crotalaria</i> sp.	R								
Chapéu de couro	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth.) Michel	R								
Cunola	<i>Pouteria castiflora</i> Radl.	A								
Favela	<i>Demargranera mollis</i> Benth	R								
Garvão	<i>Stachytarpheta chamoensis</i> Wajp	R								
Gravata	<i>Bromelia</i> sp.	A			A					
Gravata do cerrado	<i>Arnica</i> sp.	R								
Imbé	<i>Philodendron</i> sp.	R								
Indaiá	<i>Alataea exigua</i> Drude	A/A								
Jacaré	<i>Piptadenia</i> sp.	H								
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne	A	A							
Lisena	<i>Combale americana</i> Linn	R	R				R			
Labeira	<i>Solanum aff. Lycopersum</i> St. Hill	R	R							
Mangaba	<i>Hiconia speciosa</i> Gomez	A			A					
Murto	<i>Byrsonima</i> sp.	A				A				
Parafudo	<i>Conyza</i> sp.	R					R			
Pau santo	<i>Kalmia coriacea</i> Spr.	R	R				R			
Requi	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	A	A		A		A			
Pimenta de macaco	<i>Xylopia aromatica</i> Lam.	R/A	R							
Rosaire	<i>Kalmia</i> sp.									
Sebuguetiro	<i>Semecus australis</i> Cham. & Schl									
Selva do Campo	<i>Sida</i> sp.									
Sangue de cristo	<i>Sebania brasiliense</i> Wernh									
Sucupira branca	<i>Pseude mangrove</i> Vog.		R							
Sucupira preta	<i>Bowdichia virgata</i> Kunth		R							
Tibona	<i>Himatanthus obovatus</i> H. Arg.									
Trançagem	<i>Pentago major</i> L.									
Vergateira	<i>Anemopaegon anense</i> (Vell.) Stehl ex de Souza									
Manezinho	<i>Anemopaegon anense</i> (Vell.) Stehl ex de Souza									
Fofoque de pote	<i>Croton</i> sp.									
Pentão de nega	<i>Plypodium</i> sp.									
Arelinho	<i>Aspidosiphon</i> sp.									
Negra mina	<i>Sporoxia guianensis</i>									
Alcornoque de campo	Não identificada									
Capô de índio	Não identificada									
Manana	Não identificada									
Maninho	Não identificada		H							
Mocambê	Não identificada		M							
Pau pente	Não identificada		M							
Pomba de malina	Não identificada		R							
Puxo-guê	Não identificada		A							
Rosaire	Não identificada		R							
Toquinho	Não identificada		R							
Amburama	<i>Amburama cavanillesii</i> Fr. Allem								R	
Angelim	<i>Andira</i> sp.				I			I		
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> Mart.			A			A			A
Genjapo	<i>Genipa americana</i> L.			A						
Ingá	<i>Inga unguenta</i> Mook. At. Arnold			A						
Macaúbe	<i>Acrocoma aculeata</i> Jacq				A					A
Manecá	<i>Syntherisma obovata</i> A. St. Hill						R			
Manjerico	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.							R		
Manecá nativo	<i>Panicum</i> sp.				A					
Harmezado	<i>Albericia edulis</i> A. Rich		A							
De de perde	<i>Croton antiochioides</i> St. Hill						R			
Passa	<i>Acrocia verticillata</i> Cham. & Schecht.						R			
Porroca	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze									
Quina	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St. Hill	R	R							
Romã	<i>Pimenta guianensis</i> L.							A		
Tingui	<i>Alchornea pubescens</i> St. Hill		L/A							
Volante (branco)	<i>Mezaspilium velense</i> St. Hill						R			
Jamelão	<i>Eugenia jambolana</i> Lam.								A	
Bico de turano	Não identificada			A						
Cajão	Não identificada						A			
Pitomba	Não identificada							A		

Legenda: R- remédio A- alimento L- lenha M- madeira R/A - remédio/alimento AA - artesanato L/A - lenha/alimento.

Fonte: ALMEIDA, M. G. , RIGONATO, V. D., SUARES, N. O. 2001/2002.

Referências bibliográficas

AB'SABER, A.N. *Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários*. Paleoclimas, São Paulo, v.3, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à etnobotânica*. Recife: Bagaço, 2002.

ALMEIDA, M. G. Cultura Ecológica. In: SALES, V. C. (Org.). *Ecossistemas brasileiros: manejo e conservação*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2003.

ALMEIDA, M. G.; VARGAS, M. A. M. A dimensão cultural do sertão sergipano. In: DINIZ, J. A. F.; FRANÇA, V. L. A. *Capítulos da geografia nordestina*. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998. p. 469-487.

CLAVAL, P. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, E. I.; GOMES, P. C. C. da.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Explorações Geográficas - percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.

_____. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 59-97.

DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERNANDES, A. *Fitogeografia brasileira*. Fortaleza: Multigraf, 2000.

FERREIRA, H. D.; SUARES, N. O. Levantamento de plantas úteis do Cerrado utilizadas pelas comunidades tradicionais dos Municípios de Alto Paraíso, Colinas do Sul e Cavalcante. *Relatório Final da Pesquisa "Conhecimento popular e uso das espécies nativas pelos pequenos agricultores do Cerrado"*. Goiânia: IESA/UFG, 2002-2003.

IBGE, ESTUART – *Base de dados Geodigitalizados*. CD Rom, 2002.

NASCIMENTO, I. V. *Cerrado: o fogo como agente ecológico*. Instituto do Trópico Subúmido UCG, 2001.

NAVES, R. V.; CHAVES, L. J. Uso e conservação de espécies frutíferas do Cerrado. *Jornal Gazeta Tecnológica*, maio/ 2001.

PIRES, M. O.; SANTOS, I. M. (Orgs.) REDE CERRADO – *Construindo o Cerrado Sustentável*. Experiências e Contribuições das ONG's. Brasília: Gráfica Nacional, 2000.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998.

RIZZINI, C. T. *Tratado de fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos*. Âmbito Cultural, 1997.

SAUER, C. O. A morfologia da Paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1963. p. 12-74.

